

entrevistas

O nome de **IRAJÁ DAMIANI PINTO** está vinculado, de maneira indissociável, aos primórdios do ensino de Geologia no Brasil. Esse gaúcho de Porto Alegre, nascido em 3 de julho de 1919, formou-se em História Natural em 1944 e de pronto, respondendo à natural vocação, entrou para a vida acadêmica ao assumir uma posição na Universidade do Rio Grande do Sul (URGS). Em 1950, é nomeado catedrático de Geologia e Paleontologia e, três anos mais tarde, aliando qualidades administrativas aos seus notáveis predicados técnicos, organizou o Instituto de Ciências Naturais, núcleo da futura Escola de Geologia que ali seria instalada. De fato, por sua ação direta e persistência, em 13 de fevereiro de 1957 – com a abertura do concurso para ingresso de alunos – estava formalizado o primeiro curso de Geologia reconhecido pelo Ministério da Educação em território nacional, tendo por sede o que hoje é o Instituto de Geociências da UFRGS e do qual ele seria o pioneiro diretor. Mais adiante, o doutor Irajá estaria igualmente ligado à implantação dos cursos de mestrado e doutorado da instituição sul-riograndense.

Paralelamente a essas ações em prol da criação da Geologia na URGS, o professor Irajá atuou como organizador inicial do curso de Geologia da Universidade da Bahia, iniciativa conjunta com a Petrobras. Entre dezembro de 1956 e março de 1957, Irajá dedicou-se intensamente a essa causa, viabilizando o curso de Introdução à Geologia, que seria o núcleo inicial da graduação em Geologia naquela instituição.

O Professor Irajá, como é carinhosamente chamado por todos, conta ao Boletim de Geociências da Petrobras um pouco da história de criação do curso de geólogo de petróleo na Petrobras e também do ensino da Geologia no Brasil.



BGP – Em 2007 comemorou-se os 50 anos da criação dos cursos de Geologia no Brasil. Conte um pouco dessa história.

Irajá – Em março de 1957, havia sido nomeado um diretor para designar o primeiro vestibular do curso de Geologia, o engenheiro de minas Athos Cordeiro, mas ele não tinha tempo de dedicar-se exclusivamente ao novo curso. Assim, quando voltei da Bahia, o reitor da Universidade de Porto Alegre, Elyseu Paglioli, convidou-me a assumir a direção do novo curso e aceitei. Posteriormente, ele foi transformado em Escola de Geologia que, com a reforma universitária, passou a ser Instituto de Geociências. O primeiro curso de Geologia completo foi o da Universidade de Porto Alegre, hoje Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Embora São Paulo tenha formado uma turma um ano antes, na verdade era pessoal de História Natural que eles transformaram em geólogos.

BGP – Como foi montado o curso?

Irajá – Procurei aproveitar pessoas que tinham alguma relação com a Geologia, principalmente naturalistas, físicos, químicos e engenheiros de minas, e incluí no currículo o inglês. Trouxe professores americanos, franceses e alemães, pois busquei mesclar a teoria dos europeus com o pragmatismo dos americanos. Outra característica importante foi a realização de trabalhos de campo e de laboratório. Com isso, nossos alunos aprenderam a pesquisar. O resultado foi, como já disse anteriormente, que no primeiro concurso da Petrobras os dez primeiros colocados saíram da Escola de Geologia de Porto Alegre. O mesmo aconteceu no primeiro concurso do Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM), que dentre os dez primeiros colocados, nove eram daqui. A nossa escola era tão boa, que ao mandarmos alguns dos primeiros formandos fazer mestrado nos Estados Unidos, as universidades disseram que eles já tinham formação de mestres. Como não tínhamos mestrado aqui e precisávamos de pessoal titulado para a pós-graduação, eles fizeram em um ano o curso que a maioria dos americanos levava dois anos para terminar.

BGP – Não houve problemas com o fato do curso ter professores americanos?

Irajá – O primeiro professor americano que chegou foi logo dizendo: “vou montar o curso assim...”. Eu

o interrompi e disse: “o senhor vai lecionar Geologia Geral e é o que vai fazer, porque o diretor da Escola de Geologia sou eu e a orientação é minha!” Quando ele começou a lecionar, alguns alunos, insuflados por colegas de Recife, questionaram a sua presença, mas eu sentei com os alunos e perguntei: “você quer que os americanos fiquem dirigindo a Petrobras para sempre? Ou você quer se formar para substituir bem todos os americanos e estrangeiros que estão no País? Portanto, aprendam e aproveitem bem os ensinamentos para substituir todos os estrangeiros que estão aqui.” No final do ano, os alunos homenagearam aquele professor americano.

BGP – Quando e por quem foi chamado para criar o primeiro curso de geólogos da Petrobras?

Irajá – Em 1956. Foi um ano muito ativo para mim. Eu estava fazendo um curso de Micro-Paleontologia na Louisiana State University, ao mesmo tempo visitei várias universidades e centros de pesquisa e participei de um grande Congresso de Geologia em Chicago. Ao voltar ao Brasil, recebi um convite do Antonio Moggi, que me propôs estudar a possibilidade de criar um curso de Geologia para pesquisa de petróleo. Não para a formação de geólogos, mas sim de geólogos de petróleo. Na época, eu era diretor do Instituto de Ciências Naturais da Universidade de Porto Alegre. Eu disse que seria muito difícil porque eu precisaria escolher os professores e o tempo era curto. Afinal, ele me fez o convite em 11 de dezembro de 1956 e o curso era para começar em 15 de janeiro de 1957. O Antonio Moggi deu-me carta branca, dizendo: “faça o que for preciso, que a Petrobras garante”. Aí comecei a convidar professores de vários lugares do Brasil, mas a maioria não podia porque a época não era propícia.

BGP – Quais foram os professores que aceitaram e onde foi dado o curso?

Irajá – No início o curso foi dado nas dependências da Petrobras na Bahia, cujo superintendente era o Geonísio Barroso. Mais tarde, o curso foi transferido para a Universidade da Bahia. Daqui do Rio Grande do Sul, eu levei os professores Arthur Schneider, Yvonne Sanguinetti e Paulo Nogueira; do Paraná consegui o Louis de Loczy e do Rio de Janeiro os professores Heini Wenzel e David Goldstein.

BGP – Quais eram as matérias e quem as ministrou?

Irajá – As matérias eram Química Inorgânica e Analítica, a cargo do professor David Goldstein; Introdução à Mineralogia e Petrologia, por Arthur Schneider; Introdução à Geologia, por Paulo Nogueira; Introdução à Geologia Histórica, sob responsabilidade do professor Louis de Loczy; e Inglês com o professor Heini Wenzel.

BGP – A primeira turma de 25 alunos era formada por profissionais com qual tipo de formação?

Irajá – Os alunos eram indivíduos que tinham tido em seus cursos alguma coisa de Geologia ou de História Natural ou de Geografia. Eram em sua maioria engenheiros de minas, agrônomos. O primeiro curso foi dividido em duas etapas. Na primeira, de janeiro a março e depois, ele seria continuado por americanos, porque eu disse que queria voltar para Porto Alegre. Na ocasião, eu recebera um ofício do professor Bernardo Geisel, que era um dos diretores da universidade, dizendo que eu não assumisse nenhum compromisso com a Petrobras porque eles precisavam de mim para o curso de Geologia que seria criado. Ao mesmo tempo eu participava de comissões no Rio de Janeiro para criação dos primeiros cursos de Geologia no País.

BGP – Como eram as discussões para a criação dos cursos de Geologia?

Irajá – Houve acontecimentos bizarros. Um russo chamado Boris Brajinikov queria ensinar Geologia no Brasil e como a mulher dele dava aulas de violino para a mulher do ministro da Educação, Clovis Salgado, ela falou sobre a idéia do marido de criar um curso no país e o ministro resolveu convidar alguns professores que eram geólogos conhecidos, como Othon Leonardos, Avelino Ignácio de Oliveira, Sílvio Froes de Abreu. Assim, houve em 1956 uma reunião no Ministério da Educação, convocada por Jurandir Lodi (então diretor de Ensino Superior do Ministério da Educação), da qual participaram os três já citados e mais John Van Don II, Frederico Rangel, Victor Leinz e eu. Naquela ocasião, discutimos que o melhor seria criar cursos distribuídos pelo país e propusemos quatro locais: Porto Alegre, São Paulo, Ouro Preto e Recife. A idéia foi levada ao presidente Juscelino Kubitschek, que a aprovou na hora.



“Procurei aproveitar pessoas que tinham alguma relação com a Geologia, principalmente naturalistas, físicos, químicos e engenheiros de minas, e incluí no currículo o inglês. Trouxe professores americanos, franceses e alemães, pois busquei mesclar a teoria dos europeus com o pragmatismo dos americanos.”

BGP – Não houve resistências à criação dos cursos de Geologia?

Irajá – Naquele tempo dizia-se que não havia petróleo no Brasil. Por isso, foi preciso empreender uma luta tremenda para formar geólogos. Quem dirigiu a Petrobras no primeiro ano foi um americano, que insistia que não havia petróleo em solo brasileiro, mas eu era um dos que teimavam em dizer o contrário.

BGP – Mas se os americanos diziam que aqui não tinha petróleo, como eles ficaram responsáveis pela continuidade do curso de Geologia da Petrobras?

Irajá – O Moggi convidou-me a continuar dirigindo o curso, mas como não aceitei, ele falou com Fred Humphrey, professor-chefe do curso de Geologia de Petróleo mantido pela Petrobras, para continuar

com a tarefa, e o Moggi pediu que eu ajudasse o Humphrey a selecionar os geólogos americanos que deveriam vir para dar o curso.

BGP – Por que se optou por geólogos americanos e não por equipes mistas, também com europeus?

Irajá – Naquela ocasião, o Walter Link dirigia praticamente a Petrobras e tínhamos também o John Van Don II, que fazia, em convênio com os Estados Unidos, toda a exploração de minério de ferro no Brasil. Então, era uma gente muito forte dos Estados Unidos que estava aqui e, por isso, acho que esta foi a razão para convidarem geólogos americanos, país que tinha uma boa experiência em petróleo, para formar este primeiro curso. A minha satisfação foi poder dizer, apesar de ser bastante jovem, quem podia vir e quem não podia.

BGP – Nessa segunda etapa do curso, o que os alunos estudavam?

Irajá – Os cursos que existiam no Brasil eram bastante teóricos e nada objetivos, ao contrário do que acontecia nos Estados Unidos. Isso foi uma das coisas que me levou, quando organizei o curso de Geologia no Rio Grande do Sul, a trazer professores dos Estados Unidos e da Europa, pois eu queria formar a melhor escola do País, e consegui. Assim, consegui formar um curso com a visão teórica dos europeus e a prática dos americanos. Com isso, no primeiro concurso da Petrobras para geólogos, os dez primeiros colocados foram da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BGP – O senhor acompanhou o desenvolvimento do curso da Petrobras?

Irajá – Várias vezes o doutor Moggi chamou-me para ver como estavam indo os cursos, mas eram visitas esporádicas, pois eu estava empenhado na realização da Escola de Geologia de Porto Alegre. Lembro que mandamos professores brasileiros (Murilo Porto, Carlos Rappel e Sílvio Matoso) para ficar junto dos americanos, para depois substituí-los.

BGP – Era um bom curso aquele de formação de geólogos de petróleo?

Irajá – Era, pois os alunos eram pessoas que já tinham uma certa experiência, não em Geologia, mas com o treinamento que tiveram durante dois anos, eles tiveram o fundamento principal do que

a Petrobras precisava naquele momento. Não que resolvesse todos os problemas da Petrobras, mas sim a sua necessidade primeira, que foi complementada pelas Escolas de Geologia do País. Esse primeiro curso foi um salto para a substituição dos geólogos americanos na Petrobras, entre eles o Walter Link. Eu gostava muito de me chocar com eles, que insistiam que não havia petróleo no Brasil. Eu rebatia dizendo que se na Itália tinham descoberto naquela época um campo de petróleo, que o país inteiro cabia dentro do Rio Grande do Sul, por que na imensidão do Brasil não se acharia petróleo? Era um período nacionalista, do petróleo é nosso!

BGP – Quando foi criado o curso de geólogo de petróleo houve algum tipo de discussão entre os professores brasileiros, que eram geólogos “práticos”, e os americanos, que eram geólogos por formação?

Irajá – Não, porque não havia muita gente interessada. O pessoal de Geologia de Minas estava mais interessado na parte de minerais e São Paulo estava no início e não tinha nada de petróleo; era um pouco de Mineralogia, de Petrologia, porque era o Victor Leinz que dirigia. Eu, por ter começado com História Natural, fiquei mais aberto para outros setores, especialmente Micropaleontologia.

BGP – O senhor credita o seu interesse por outros setores da Geologia, que não a voltada para minerais, ao fato da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ter dado tantos geólogos para a Petrobras?

Irajá – Isso era natural, pois como formei um grupo de micropaleontólogos, entre os quais o professor Darcy Closs e as professoras Yvonne Sanguinetti e Ivonne Purper, que apoiavam muito, os alunos percebiam isto e acabavam se interessando pelo tema.

BGP – Como o senhor viu a criação do CENAP (Centro de Aperfeiçoamento e Pesquisas de Petróleo)?

Irajá – Eu fui meio contra porque eu queria um pouco mais para as universidades. O Moggi foi para a França e lá ele viu que as companhias de petróleo francesas tinham seus laboratórios e decidiu fazer o mesmo aqui. Eu contrapropus a

ele que ao invés de fazer a pesquisa básica na Petrobras, ela fosse feita na universidade e depois a Petrobras pegaria os resultados. Teria sido muito proveitoso para as universidades, que teriam laboratórios financiados pela Petrobras, mas professores e pesquisadores pagos por ela.

BGP – Como o senhor se interessou pela Micropaleontologia?

Irajá – Eu era mais biólogo do que geólogo. Eu comecei coletando ostracodes pelo litoral gaúcho. Levando meus alunos em excursões para Torres, Tramandaí, e a professora Yvonne tinha uma casa em Tramandaí, que fizemos de laboratório. Nós coletávamos os ostracodes e íamos estudá-los do ponto de vista biológico, mas ficávamos também conhecendo as carapaças deles, que variavam. Então, comecei a interessar-me, porque haviam descrito fósseis semelhantes. Depois também comecei a trazer argentinos, que sempre foram bons pesquisadores em Paleontologia. Aí comecei a montar a parte de MicroPaleontologia e pude ver a importância que tinha a Paleontologia e a Micropaleontologia para a pesquisa de petróleo. O resultado é

que meus alunos, meus ex-alunos e os alunos de meus alunos estão servindo a Petrobras com as pesquisas que estão fazendo.

BGP – O senhor acha que a tendência é a Micropaleontologia ganhar cada vez mais espaço na pesquisa de petróleo?

Irajá – Sim, porque quanto mais perfurações forem feitas, mais possibilidades para esse grupo de pesquisadores produzir algo de útil. A Petrobras não pode parar de pesquisar. Ela atingiu a auto-suficiência, mas é preciso continuar pesquisando porque sempre iremos querer um pouquinho mais.

BGP – Quando estava organizando o primeiro curso de geólogo de petróleo, o senhor imaginava que a Petrobras conseguiria ter todo esse desenvolvimento e chegar à auto-suficiência de petróleo?

Irajá – Eu sonhava. Sempre fui para frente, como Juscelino Kubitschek. Por isso, imaginava que com o tempo a Petrobras poderia realizar tudo que quisesse. Não foi por outro motivo que participei da campanha “O petróleo é nosso!”.

Irajá discursa na abertura do curso de Geologia do Petróleo em Salvador (BA) - 15 de janeiro de 1957.

Irajá's briefing during the opening session at the course of Petroleum Geology in Salvador (BA) - January 15, 1957.



interviews

The name of **IRAJÁ DAMIANI PINTO** is indissolubly connected with the beginning of teaching Geology in Brazil. This man from Porto Alegre, born on the third of July of 1919, graduated in Natural History in 1944 and shortly after, following his natural vocation, he entered academic life, taking up a position at Rio Grande do Sul University (UFRGS). In 1950, he was nominated professor of Geology and Paleontology and, three years later, uniting his administrative abilities with his notable scientific qualifications, he established the Natural Sciences Institute that has become the center of the future Geology School that would be installed there. In fact, through his direct action and persistence, in February 13, 1957 – as the process for students admission opened – it was formalized as the first Geology course recognized by the Ministry of Education in Brazil, with headquarters at the present location of the UFRGS Geosciences Institute, of which he would become the first Director. After that, Doctor Irajá would be active in organizing postgraduate courses offering master and doctoral degrees at UFRGS.

At the same time as he was creating the Department of Geology at the UFRGS, Professor Irajá acted also as the prime organizer of the Geology course at the University of Bahia, a joint initiative with Petrobras. Between December of 1956 and March of 1957, Irajá dedicated himself to this cause intensively, establishing the course of Introduction to Geology, which would be the initial core of Geology training at the University of Bahia.

Professor Irajá, as he is gently called, recounts to Petrobras Geosciences Bulletin some of the history of creating the petroleum Geology course at Petrobras and also the geology teaching in Brazil.

BGP – In 2007, we celebrate the 50th anniversary of the creation of Geology courses in Brazil. Tell us a little of this history.

Irajá – In March of 1957, a director, mining engineer Athos Cordeiro, received the task

of designing the first entrance exam for the Geology course, but he could not dedicate himself exclusively to the new course. Thus, when I got back from Bahia, the dean of the UFRGS, Elyseu Paglioli, invited me to take charge of the direction of the new course and I accepted it. Subsequently, it became the Geology School which, with the university reform, turned into the Geosciences Institute. The first complete Geology course was the one at Porto Alegre University, now known as the UFRGS. Although São Paulo had given similar degrees a year earlier, they were in fact received by Natural History students who became geologists.

BGP – How was the course put together?

Irajá – I tried to make use of people whose training had something to do with Geology, especially naturalists, physicists, chemists and mining engineers, and I included the English language in the syllabus. I brought American, French and German professors because I was hoping to create a mix of the theoretical leaning of the Europeans with the pragmatism of the Americans. Another important requirement was laboratory and field work. With that, our students have learned to do research. The result was, as I said before, that in the first Petrobras selection process, the first ten positions were filled with graduates from the Porto Alegre Geology School. The same thing happened in the first selection process of the National Department of Mineral Production (DNPM), where, of the first ten positions, nine were from here. Our school was so good that when we sent some of the first graduated students to get their master's degree in the United States, the universities told them that their training was already equivalent to master's degree. As we had no master's degree here and needed people with titles for post-graduation, they did in one year the course that to most Americans takes two years to complete.

BGP – Were there no problems with the fact that the course had American professors?

Irajá – The first American professor who came said promptly: "the course will be like that...". I interrupted him and said: "you are going to

teach General Geology and that's what you're going to do, because I'm the director of the Geology School and it's my decision!" When he started to teach, some students, inflated by their colleagues from Recife, questioned his presence, but I sat down with them and asked: "do you want the Americans to keep running Petrobras forever? Or do you want to graduate to replace all the Americans and foreigners who are in the country? Therefore, learn and make good use of their teaching to be able to replace all the foreigners who are here." At the end of the year, the students gave honor to that American professor.

BGP – When were you called and by whom to create the first Petrobras Geology course?

Irajá – 1956 was a very active year to me. I was doing a Micropaleontology course at Louisiana State University, at the same time I visited several universities and research centers and participated in a large Geology Congress in Chicago. When I got back to Brazil, I received an invitation from Petrobras, who came up with the possibility of studying the creation of a Geology course for oil research. The objective was not to form geologists, but to train petroleum geologists. At that time, I was director of the Natural Sciences Institute of Porto Alegre University. I said that it would be very difficult because I would have to choose the professors and time was short. I was invited on December 11, 1956 and the course was supposed to start on January 15, 1957. Antonio Moggi from Petrobras gave me a blanket approval, saying: "do what you have got to do, Petrobras covers for you". Then I started to invite professors from all over Brazil, but most of them were not available because the timing was not right.

BGP – Who were the professors who accepted the job and where did the course take place?

Irajá – in the beginning the course took place at Petrobras in Bahia, where Geonísio Barroso was the superintendent. Later, the course was transferred to Bahia University. I took Professors Arthur Schneider, Yvonne Sanguinetti and Paulo Nogueira from Rio Grande do Sul; from Paraná I managed to get Louis de Loczy and from Rio de Janeiro professors Heini Wenzel and David Goldstein.



"I tried to make use of people whose training had something to do with Geology, especially naturalists, physicists, chemists and mining engineers, and I included the English language in the syllabus. I brought American, French and German professors because I was hoping to create a mix of the theoretical leaning of the Europeans with the pragmatism of the Americans."

BGP – What were the disciplines and who gave them?

Irajá – The disciplines were Analytical and Inorganic Chemistry, in charge of Professor David Goldstein; Introduction to Mineralogy and Petrology, by Arthur Schneider; Introduction to Geology, by Paulo Nogueira; Introduction to Historical Geology, under the responsibility of professor Louis de Loczy; and English with Professor Heini Wenzel.

BGP – What sort of training did the first class of 25 students have before the course?

Irajá – The students all have had something to do with Geology, or Geography, or Natural History in their courses. Most of them were mining engineers and agronomists. The first course was divided into two parts. The first part, from January to March, was given by Americans, because I said I wanted to go back to Porto Alegre. Back there, I had received a written notice from Professor Bernardo Geisel, who was one of the university principals, saying that I should not commit myself with Petrobras because they were going to need me for the Geology course that would be created. At the same time I was a member of commissions at Rio de Janeiro whose task was to create the first Geology courses in the country.

BGP – How did the discussions go on the creation of the Geology courses?

Irajá – There were some bizarre events. A Russian called Boris Brajinikov wanted to teach Geology in Brazil and since his wife was giving violin lessons for the wife of the Minister for Education, Clovis Salgado, she talked with her husband about the idea of creating a course in the country. The minister decided to invite some well-known geologists as professors, such as Othon Leonardos, Avelino Ignácio de Oliveira, and Sílvio Froes de Abreu. Thus, in 1956 there was a meeting in the Ministry of Education, called by Jurandir Lodi (at the time, director of Higher Education of the Ministry of Education) of which the three above mentioned geologists took part, together with John Van Don II, Frederico Rangel, Victor Leinz and myself. On that occasion, we discussed that it would be best to create courses at several points of the country and proposed four locations: Porto Alegre, São Paulo, Ouro Preto and Recife. The idea was taken to President Juscelino Kubitschek, who immediately approved it.

BGP – Was there no resistance against the creation of Geology courses?

Irajá – At that time it used to be said that there was no petroleum in Brazil. Because of that, a great fight was necessary to form geologists. In its first year, Petrobras was directed by an American who insisted that there was no petroleum in Brazilian soil, but I was one of the people who insisted on saying the opposite.

BGP – If the Americans said that there was no petroleum, how did they end up being responsible for the continuation of the Petrobras Geology course?

Irajá – Moggi invited me to keep running the course, but as I said no, he talked to Fred Humphrey, chief-professor of the Petroleum Geology course maintained by Petrobras, to continue with the task and Moggi asked me to help Humphrey to select the American geologists that should come to give the course.

BGP – Why the preference for American geologists and not for mixed teams that would include Europeans?

Irajá – On that occasion, Walter Link was practically running Petrobras and we had John Van Don II who was doing, in association with the United States, all the iron ore exploration in Brazil. So, there were some important people from the United States here and I think that was the reason for inviting American geologists, a country which had good experience in petroleum, to give this first course. My satisfaction was to be able to say, although I was very young, who could and who couldn't come.

BGP – In this second part of the course, what did the students study?

Irajá – The courses existing in Brazil were very theoretical and not very realistic, the opposite in United States. That was one of the things that led me, when I first set up the Geology course in Rio Grande do Sul, to bring professors from the United States and Europe, because I wanted to set up the best school in the country and I did it. Thus, I managed to create a course with the theoretical vision of the Europeans and the practice of the Americans. With that, on the first selection process of Petrobras for geologists, the first ten positions came from UFRGS.

BGP – Have you followed the development of the Petrobras course?

Irajá – Doctor Moggi called me several times to see how the courses were going, but I could visit from time to time only, because I was focused on completing the Porto Alegre Geology School. I remember we sent Brazilian professors (Murilo Porto, Carlos Rappel and Sílvio Matoso) to stay together with the Americans in order that they should be able to replace them in the future.

BGP – Was it a good course, the one forming petroleum Geology?

Irajá – Yes, it was, since the students already had prior experience, although not in the field of Geology, but with the two-year training that received, they had what was fundamental for Petrobras at the moment. It did not solve all the problems for Petrobras, but it was enough for filling the most urgent needs, to be complemented by the Geology Schools of the country. This first course was a great progress towards the replacement of the American geologists in Petrobras, among them Walter Link. I liked to get shocked with those who insisted that there was no petroleum in Brazil. I responded by saying that if in Italy they had discovered an oil field back then, in a country that could fit in the Brazilian state of Rio Grande do Sul, why could you not find petroleum over the enormous area of Brazil? It was a period of nationalism, the period of “the petroleum is ours!”

BGP – When the course of petroleum Geology was created, was there any kind of discussion between the Brazilian professors, who were “practical” geologists, and the Americans, who were graduated geologists?

Irajá – No, because there were not too many people interested. People from Mining Geology were more interested in the part about minerals and São Paulo was at the beginning and did not have any petroleum; it was a little bit of Mineralogy and Petrology because Victor Leinz was running it. Since I started with Natural History, I was more open to other areas, specially, Micropaleontology.

BGP – Do you attribute your interest in areas of Geology, other than minerals, to the fact that the UFRGS has provided Petrobras with so many geologists?

Irajá – That was natural, because since I formed a group of micropaleontologists, among them Professor Darcy Closs and Professors Yvonne Sanguinetti and Ivonne Purper who were very supportive, the students could notice that and ended up getting interested in the subject.

BGP – How did you see the creation of CENAP (Center for Petroleum Researches and Improvement)?

Irajá – I was partially against it because I wanted a little more for the universities. Moggi went to France

and there he saw that the French oil companies had their laboratories and he decided to the same here. I proposed that instead of doing the basic research at Petrobras, it should be done at the university and Petrobras would get the results. It would have been very useful for the universities, which would have their laboratories financed by Petrobras but their professors and researchers paid by the university.

BGP – How did you get interested in Micropaleontology?

Irajá – I was more a biologist than a geologist. I started collecting ostracods along the Rio Grande do Sul coast. I was taking my students on expeditions to Torres, to Tramandaí, where Professor Yvonne had a house which we turned into a laboratory. We collected ostracods and started to study them from a biological point of view, but we also ended up knowing their shells, which varied. So, I started to get interested because there were similar fossils. Then I also started to bring Argentineans, who were always good at research in Paleontology. Then I started to set up the Micropaleontology part and I could see the importance that Paleontology and Micropaleontology had for oil research. The result is that my students, my former students, and my students’ students are serving Petrobras with the research projects they are doing.

BGP – Do you think that the tendency is for Micropaleontology to gain more and more space in the area of oil research?

Irajá – Yes, because the more wells are drilled, the more are the possibilities for this group of researchers to produce something useful. Petrobras can’t stop research. It has achieved self-sufficiency but research must continue, because we’ll always want a little more.

BGP – When you were setting up the first course of petroleum Geology, did you imagine that Petrobras would manage to accomplish all this development and attain self-sufficiency in oil?

Irajá – I dreamed of it. I was always a future-oriented person, just like Juscelino Kubitschek. Because of that, I imagined that with time Petrobras could accomplish everything that was desired. For no other reason did I participate in the campaign “The petroleum is ours!”

Fac-símile do relatório elaborado pelo professor Irajá Damiani Pinto ao término da fase preparatória do curso de Geologia em Salvador, por ele coordenada.

Pôrto Alegre, 29 de abril de 1957

Do Coordenador do Curso de Geologia
Ao Superintendente do CENAP - PETROBRÁS

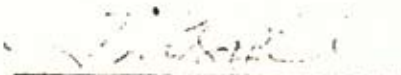
Assunto: encaminha Relatório.

Senhor Superintendente

Venho, com o presente, encaminhar a V.S. o relatório referente à organização e preparo do Curso de Geologia, assim como das atividades relativas ao Curso de Introdução à Geologia, iniciado em 15 de janeiro, em Salvador, Bahia, e encerrado em 15 de março pp.

Empenhei o melhor dos meus esforços para o perfeito desempenho da honrosa missão que me foi confiada. Com o apoio de V.S. e o auxílio recebido dos colegas e funcionários, assim como da Região de Produção da Bahia e Universidade da Bahia, espero haver correspondido aos desejos da PETROBRÁS.

Pronto para qualquer esclarecimento e para colaborar sempre, aproveito o ensejo para apresentar os protestos de estima e consideração


Prof. Irajá Damiani Pinto
Coordenador

Ao Exmo. Sr. Dr. Antonio Seabra Moggi
M.D. Superintendente do CENAP
PETROBRÁS

PETROBRÁS-CENAP

30.225

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DO COORDENADOR DO CURSO DE GEOLOGIA

SALVADOR - BAHIA

O presente relatório visa sumariar as atividades desenvolvidas no preparo e transcurso do Curso de Geologia, instalado em Salvador, Bahia, em 15 de janeiro de 1957.

Recebendo o convite da PETROBRÁS, em 11 de dezembro de 1956, compareci ao Rio, dia 13 onde e quando assumi os encargos do estudo e preparação do Curso.

Imediatamente, procurei a colaboração de Professores para a primeira etapa que seria o Curso de Introdução à Geologia, a realizar-se no período janeiro-março.

1) Escolha de Professores.

Em carta de 27/12/56, expus as possibilidades e dificuldades na obtenção do concurso de Professores, para o Curso de Introdução à Geologia.

O problema parecia definitivamente resolvido, com a aquiescência dos Professores Arthur Schneider (Rio Grande do Sul), Geraldo Muniz (Pernambuco), Louis de Locsy (PETROBRÁS), Heini Wenzel (Rio de Janeiro) e David Goldstein (Rio de Janeiro).

Mas o Professor Muniz, por questões alheias a sua vontade, às vésperas do início do Curso, comunicou que não poderia lecionar. Difícil já fôra obter os Professores acima citados, muito mais difícil fazer uma substituição, em dois dias. Telegrafei, então, para Porto Alegre, ao Professor Schneider, pedindo que convidasse o Professor Manoel Parreira o qual, no momento, não pôde aceitar. Foi-me sugerido, então, o nome do Professor Paulo de Castro Nogueira, que aceitei.

2) Instalação dos alunos.

Com o auxílio do Dr. Wilson Nunan e de Dona Vilma Ramos, foram os alunos instalados em duas pensões: Solar Azteca e Pensão An

glo-Americana.

As pensões não possuíam boas acomodações.

A primeira delas colocou três e mais estudantes em um mesmo quarto, quando havia prometido melhor distribuição.

Não haviam sido os alunos prevenidos de que as condições dos hotéis e pensões em Salvador eram bastantes precárias.

Houve, então, descontentamento geral esboçando-se, mesmo, um movimento de regresso coletivo, visto que as informações dadas aos mesmos eram opostas às que encontravam.

A solução foi a alvitrada pelo Dr. Nunan, de dar aos alunos uma ajuda de custo de Cr\$3.600,00 ou 4.000,00, ao invés da estada podendo, assim, os alunos se instalar onde achassem melhor.

Ficou, finalmente, estabelecido o acôrdo pelo qual os alunos receberiam, a partir de 31 de janeiro, a ajuda de custo de Cr\$... 3.600,00 mensais.

Quanto à alimentação, a Universidade da Bahia lhes prometera tôdas as facilidades no Restaurante Universitário. Posteriormente mudou de orientação, visto que, por serem os atuais alunos já formados, iria abrir uma exceção que para ela não era conveniente. Solicitou o estudo de uma outra fórmula que, depois de várias demarches, resultou na resolução de pagar uma quota mensal, a título de auxílio para alimentação, no valor de Cr\$1.350,00 mensais, correspondendo a meia diária.

3) Secretaria.

Com o auxílio do Dr. Wilson Nunan e D. Vilma Ramos e, posteriormente, do Sr. Joel Aranha, selecionamos, de um grupo de candidatos, 5 pessoas para a secretaria, que foram admitidas em caráter experimental e cujos nomes, dados pessoais e de eficiência no serviço, foram relatados ao Senhor Superintendente, no momento oportuno.

O material adquirido, o estritamente necessário, acha-se registrado em livro próprio, na Secretaria. Cabe aqui lembrar que, a boa vontade e a incansável atividade de D. Vilma Ramos e poste-

riormente do Sr. Joel Aranha, permitiram que apesar da carência e dificuldades do meio, tivéssemos a secretaria funcionando regularmente.

O único senão, poderíamos dizer, foi a chamada do Sr. Joel Aranha ao Rio, precisamente à véspera dos exames finais. Além de ser época imprópria, o fato de não ter regressado no dia aprazado, trouxe uma série de embaraços que somente com auxílio especial de minha assistente e de colegas pude vencer. Não podendo, entretanto, apresentar no dia do encerramento do curso, como era meu desejo, o relatório final, que somente agora apresento.

4) Local de funcionamento.

O projeto inicial, de acordo com o desejo da Universidade, era a instalação de todo o Curso no edifício da Faculdade de Ciências Econômicas. Porém, os laboratórios dessa Faculdade não apresentavam as condições mínimas necessárias, para o tipo de aulas que necessitávamos. Assim sendo, tivemos que utilizar os laboratórios da Escola Politécnica, onde foram dadas as aulas práticas de todas as disciplinas e as teóricas de Inglês. Estas, a fim de não deslocar os alunos de um edifício para o outro, em meio ao turno da manhã. Embora o mais aconselhável fôsse realizar as aulas práticas à tarde, tivemos de realizá-las pela manhã, para melhor distribuição de horários e salas de aula e porque as aulas de Inglês só poderiam ser lecionadas pela manhã, uma vez que assim ficara previamente estabelecido com o Professor de Inglês.

5) Início do Curso.

Conforme tive oportunidade de comunicar, telegraficamente, ao Senhor Superintendente, o Curso teve início, precisamente na data fixada, isto é, 15 de janeiro.

Foi instalado sem grandes formalidades, tendo comparecido o Representante do Conselho Universitário da Universidade da Bahia, o Senhor Superintendente da Região de Produção da Bahia, Professores e outras pessoas gradas, como consta da ata da Sessão, que anexo ao presente.

6) Curriculum do Curso de Introdução, atividades docentes, condições de trabalho e auxiliares de ensino.

a) Curriculum e docentes.

Na primeira reunião, realizada em 14 de janeiro de 1957, chegaram os Professores às conclusões que constam da ata que segue anexa. Nela vemos, também, que o Curriculum estabelecido foi:

INGLÊS - Prof. Heini Wenzel

QUÍMICA INORGÂNICA E ANALÍTICA - Prof. David Goldstein

INTRODUÇÃO À MINERALOGIA E PETROLOGIA - Prof. Arthur W. Schneider

INTRODUÇÃO À GEOLOGIA - Prof. Paulo de C. Nogueira

INTRODUÇÃO À GEOLOGIA HISTÓRICA - Prof. Louis de Locsy

Foi nessa ocasião, também, estabelecido o horário que segue anexo, tendo-se aumentado o número de aulas de Inglês e Química, uma vez que somente no Curso de Introdução seriam lecionadas estas duas disciplinas.

b) Auxiliares de Ensino.

De início, verificamos que para o perfeito desenvolvimento do Curso seria conveniente contarem os Professores com auxiliares.

Na Química, teve o Professor Goldstein, desde o primeiro contato com a Escola, a colaboração do Professor Antonio Celso Spinola, Professor de Química da própria Escola Politécnica da Universidade da Bahia.

Na Mineralogia e Petrologia, o Professor Schneider contou com a colaboração da Lic. Yeda C. de Andrade, Assistente do Professor Walmor Barreto, da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia.

Na Geologia Histórica, quando senti a dificuldade do Professor de Locsy em fazer as apostilas em português procurei auxiliá-lo e, logo após, pude contar com a colaboração da Lic. Licia Penna, segunda Assistente do Professor Walmor Barreto.

Na Geologia Física, como não se contava com nenhum elemento na Bahia, no momento, solicitei a colaboração de minha Assisten

te, Lic. Yvonne Sanguinetti, a quem foi concedida passagem pelo CENAP e atribuída a mesma base de gratificação que para os demais, assumindo pessoalmente, as despesas de estada.

De acordo com o tempo de serviço prestado, e dentro das bases combinadas, as importâncias pagas foram:
 Professôres: Antonio C. Spinola, Cr\$8.000,00; Yeda Andrade, Cr\$. 6.000,00; Licia Penna, Cr\$4.000,00; Yvonne Sanguinetti, Cr\$4.000,00.

c) Material didático.

Tanto em material para aulas práticas como em bibliografia, o que havia, estava muito aquém das necessidades. Felizmente, havia trazido, assim como os demais Professôres, livros, amostras de rochas, fósseis e, posteriormente, foi trazido por minha assistente, blocos-diagrama geológicos, o que permitiu que o Curso se desenvolvesse normalmente.

Muito pouco encontramos para adquirir em Salvador.

A bibliografia indicada pelos Professôres, e prontamente adquirida, pela Superintendência, facilitou bastante o estudo.

Além das indicações bibliográficas, foram fornecidas apostilas aos alunos, de Inglês, Mineralogia e Petrologia, Geologia Histórica e Geologia Física.

Anexo ao presente, segue, para a devida apreciação, uma cópia das apostilas de cada disciplina.

7) Excursões.

Os alunos realizaram uma excursão a Catu, com os Professôres de Geologia. Para esta excursão, o programa e locais de visita haviam sido previamente combinados com o Engenheiro Hermenegildo Rosa. Infelizmente, o aviso precisando a data, que havia sido deixado na Seção de Treinamento e Cultura, não foi transmitido, tendo sido, portanto, impossível encontrar aquele geólogo, visto se encontrar em serviço no campo.

Entretanto, posso dizer que a excursão foi altamente proveitosa pois, muito bem recebidos pelo Dr. Guilherme pudemos visitar as localidades próximas, onde os Professôres puderam expor uma série de fatos geológicos.

Grande dificuldade foi encontrada para alugar um ônibus, pois os preços eram extremamente altos, variando entre Cr\$10.000,00 e Cr\$15.000,00. Por fim, com a interferência do Dr. Barroso, conseguiu-se um por Cr\$6.000,00.

Certamente, cabe aqui, uma sugestão da compra de um ônibus e de um "jeep" para o serviço do Curso, uma vez que na Bahia há sempre grande dificuldade para condução e, por outro lado, a Região de Produção da Bahia, tem seus veículos normalmente ocupados. Este fato obrigou a que se fizesse uso contínuo de carros de aluguel.

8) Colaboração.

Certamente que, para o êxito do Curso contei com a colaboração da Administração Central, dos Professores e pessoal da secretaria, assim como da Universidade da Bahia e da Região de Produção da Bahia.

Cabe, de modo especial, destacar:

a) o apoio dado pelo Dr. Antonio Seabra Moggi, Superintendente do CENAP; Dr. Geraldo W. Nunan, Assessor-Adjunto de Organização; e secretários: D. Vilma Ramos e Sr. Joel Aranha;

b) a colaboração espontânea e eficiente do Professor Walmor Barreto da Universidade da Bahia que, levando os Professores a todas as partes, em busca do que necessitavam e, procurando, ele mesmo, o material necessário, facilitou, de maneira excepcional, as atividades gerais do Curso.

9) Viagens realizadas.

Durante o Curso, e após, realizei duas viagens, uma ao Sul e outra a São Paulo, com a finalidade de encontrar assistentes para o Curso que seguiria.

Da primeira foi feito um relatório, em carta enviada a 7/2/57, com a indicação de candidatos a assistentes e a coordenador. E da segunda apresentei os resultados, pessoalmente, ao Senhor Superintendente, no Rio, com o esquema para o período abril-julho que mereceu, posteriormente, aprovação da Diretoria.

Nesta viagem, tivemos a promessa do envio de material didático.

co, pelo Departamento de Geologia e Paleontologia da Universidade de São Paulo, assim como da colaboração no que fôsse possível.

10) Indicação de novos candidatos a assistentes.

Atendendo a solicitação do Senhor Superintendente faço a parte indicação de mais 3 candidatos a cargos de assistentes.

Quero lembrar aqui, entretanto, que seria conveniente à PETROBRÁS, estudar uma melhor remuneração visto que se por um lado alguns elementos de alto valor por idealismo ou na esperança de melhores dias permanecem, outros são perdidos.

O número de pessoas, por mim, consultadas vão a cerca de 20 (e de sua consciência, dificilmente encontrarei outras) das quais somente duas até agora aceitaram contrato.

Devo lembrar, também, que além das companhias particulares, como foi o caso do Dr. Luiz Appel, os Cursos de Geólogos possibilitarão vencimentos de Cr\$40.000,00 (e mais no Estado de São Paulo) aos professores, em suas próprias cidades, como acaba de ser decidido pela Comissão da "Campanha de Formação de Geólogos" (C.A.G.E.) do Ministério da Educação.

Devendo o Curso da PETROBRÁS, ser do mais alto nível e já com caráter de especialização, certamente os professores deveriam ser os melhores que se pudesse encontrar no Brasil, e os melhores, na grande maioria das vezes, somente, se obtém com salários melhores.

